

FARMACOLOGIZAÇÃO DA DOR: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS DE CUIDAR

CRICIÉLEN GARCIA FERNANDES¹; JOSÉ HENRIQUE DIAS DE SOUSA²; JOSÉ RICARDO GUIMARÃES DOS SANTOS JÚNIOR³; LICELI BERWALDT CRIZEL⁴; GIOVANA CÓSSIO RODRIGUES⁵; FERNANDA SANT'ANA TRISTÃO⁶

¹Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. Email: cricielen@hotmail.com

²Acadêmico de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. Email: zeedds@gmail.com

³Acadêmico de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. Email: josericaardog_jr@hotmail.com

⁴Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. Email: liceli.crizel@hotmail.com

⁵Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. Email: giovanacossio@gmail.com

⁶Enfermeira. Docente da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. Email: enfermeirafernanda1@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, é impossível pensar na dor sem pensar em formas de aliviá-la. Temos a disposição uma infinidade de procedimentos, recursos e técnicas que podem aliviá-la, minimizá-la e suprimi-la buscando preservar e ou melhorar a qualidade de vida. No entanto observa-se que os fármacos vêm sendo produzidos e utilizados em ampla escala, pela população que busca aliviar suas dores e também pelos profissionais de saúde, dentre eles o enfermeiro que lança mão da terapêutica farmacológica prescrita pelo médico como primeira e ou única opção para tratar a dor dos pacientes. Tais considerações nos levaram a refletir sobre o papel da indústria farmacêutica nas últimas décadas na criação e distribuição novos medicamentos para dor, sobre a utilização medicamentos em larga escala pela população, sobre o importante papel da mídia na circulação dos discursos sobre o uso de medicamentos e por último, sobre a naturalização do uso de fármacos como a melhor opção, como primeira ou ainda como a única opção no tratamento da dor dos. A partir de tais considerações objetivo central deste trabalho consiste em apresentar uma reflexão crítica sobre a rede fatores que em articulação contribui para que as estratégias farmacológicas ganhem espaço no processo farmacologização da vida e quais os efeitos desse processo sobre as práticas contemporâneas de cuidar.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma reflexão teórica que foi construída a partir da Dissertação intitulada "O que se ensina sobre a dor crônica nos Manuais, Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas do Ministério da Saúde". A mesma envolveu ainda as discussões realizadas no Grupo de Estudos sobre Práticas Contemporâneas do Cuidado de Si e dos Outros que contribuíram para a construção da presente reflexão sobre a farmacologização da dor e a relação com as práticas contemporâneas de cuidar. A leitura, de livros, teses, dissertações e artigos que deram suporte às fases desta construção. Em complementaridade foram consultadas: a base de dados da Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e a biblioteca eletrônica *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Reconhecida como um fenômeno multidimensional que envolve aspectos físico-sensoriais e emocionais a dor vem sendo subtratada ou tratada de modo insuficiente no contexto clínico atual cujo alívio e ou supressão estão condicionados em grande parte dos casos ao uso de estratégias farmacológicas.

Outras formas de tratar a dor, conhecidas como estratégias não farmacológicas, como relaxamento, imaginação guiada, aplicação de calor e frio, massagem, entre outras, mesmo que reconhecidas pela ciência e citadas na literatura como eficazes ainda são pouco conhecidas e utilizadas pelos profissionais de saúde e população em geral (INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR THE STUDY OF PAIN, 2007). As estratégias farmacológicas, o uso de fármacos para o tratamento da dor ainda é amplamente utilizado na cultura ocidental. O aumento dos gastos com medicamentos, assim como a formulação de políticas públicas de distribuição indicam a importância que os mesmos vêm ganhando, nas sociedades contemporâneas. Uma vasta rede de fatores em articulação contribui para que as estratégias farmacológicas ganhem espaço. Elementos como as propagandas que circulam na mídia sobre o uso de medicamentos, os manuais técnicos e os livros acadêmicos que são utilizados na formação de profissionais de saúde, assim como as políticas públicas sobre o tratamento da dor, ao centrarem o tratamento no uso de medicamentos passam a legitimar e normalizar a prática medicamentosa, isto é, passam a utilizar os saberes da medicina, da farmacologia para reproduzir a prática do tratamento farmacológico (TRISTÃO, 2009). São essas algumas das condições que possibilitam que a farmacologização da dor se naturalize, e se torne uma prática aceita e reproduzida pela população, que se automedica e assim ameniza não só as dores do corpo, mas também o denominado sofrimento psíquico, tornando o corpo hábil multiplicando-lhe as forças e também pelos profissionais de saúde dentre eles os enfermeiros, que ao condicionarem o tratamento da dor unicamente ao uso de medicamentos, isto é, limitando-se a administrar medicamentos prescritos, vão controlando, limitando, modificando e regulando a dor independente da origem e forma que ela se apresenta (GALINDO et al, 2014). Nesse contexto emerge a farmacologização que é compreendida como a transformação de condições, capacidades e potencialidades humanas em oportunidades para intervenções farmacológicas (WILLIAMS; MARTIN; GABE, 2011). No qual, a gestão do corpo e da saúde torna-se um problema farmacológico e não mais médico, ou seja, a cura e o alívio recaem sobre os medicamentos (LOPES, 2004). A farmacologização da dor vai se instaurando como uma prática de cuidar contemporânea devido a uma série de fatores, dentre eles os discursos da indústria farmacêutica que circulam na mídia e dos especialistas que ensinam aos sujeitos que sofrem de dor e aos profissionais de saúde como tratá-la, que indicam quais os medicamentos que devem ser administrados, quais as doses, os horários, as possíveis intercorrências e, ainda, quais as condutas a serem tomadas e os hábitos que devem ser incorporados pelos sujeitos que sofrem de dor. Diante desse panorama, percebe-se a naturalização das práticas farmacológicas e o estabelecimento da farmacologização da dor, o domínio dos medicamentos nas opções terapêuticas que funcionam como recurso para resolver situações e formas de mal-estar que poderiam ser encaminhados e ou solucionados em espaços terapêuticos que oportunizem o encontro entre o sujeito que sofre de dor e os profissionais de saúde, favorecendo o relacionamento interpessoal, a expressão de sentimentos, o suporte a resolução de problemas.

Estudos têm indicado (SIVA e PIMENTA, 2003; CUSTÓDIO et al, 2008; ROCHA e MORAES, 2010) que mesmo que esteja vinculada a prática profissional do enfermeiro outras formas terapêuticas para o tratamento da dor como o uso de terapias complementares: o uso dos florais, massagem, reiki, aromaterapia, reflexoterapia, fitoterapia, toque terapêutico, assim como, relaxamento, imaginação guiada, aplicação de calor e frio, massagem entre outras que tem como foco de atenção não só com o estado físico do indivíduo que carrega não apenas a dor, mas todo o sofrimento causado por ela, as práticas farmacológicas, a administração de medicamentos prescrita pelo médico ainda são a primeira opção e a prática mais utilizada por estes profissionais para tratar a dor. O enfermeiro, como membro da equipe de saúde tem um papel significativo no controle da dor, na avaliação diagnóstica, na intervenção e na monitoração dos resultados do tratamento, assim como nos aspectos referentes à comunicação verbal e escrita (LASAPONARI, 2013). No entanto na atualidade, quando se trata do controle da dor pelo enfermeiro, percebe-se que o cuidado de enfermagem, que é definido como uma forma de cuidar que procura unir ciência, arte, estética e ética e fundamenta-se numa prática crítica reflexiva que transcende o mundo físico e material levando em conta o mundo emocional e subjetivo, distancia-se de seu significado, já que este passa a centrar-se também na terapêutica farmacológica, associando o cuidado exclusivamente, ou majoritariamente a terapia medicamentosa (LEINIGER, 1980; WATSON, 1985). Ressaltamos que pretendemos discutir, não a eficácia dos medicamentos, nem, tampouco, questões relacionadas ao cuidado ou à ética que envolve a sua utilização; pretendemos colocar em destaque as novas formas de cuidar que vão se naturalizando na contemporaneidade em meio a uma cultura de consumo que se estabelece. Consideramos que frente a este cenário a farmacologização da dor adquire um renovado interesse analítico, frente ao seu efeito na disseminação de novas lógicas de relação com o cuidado de enfermagem.

4. CONCLUSÕES

Cabe destacar que a farmacologização da dor é um evento contemporâneo que vem ampliando-se e alicerçado em bases científicas, define as ações possíveis para aqueles que gerenciam e administram os tratamentos no campo da saúde. Queremos destacar, então, que por meio das propagandas que circulam na mídia sobre o uso de medicamentos, os manuais técnicos e os livros acadêmicos que são utilizados na formação de profissionais de saúde, assim como as políticas públicas sobre o tratamento da dor organizam-se ações voltadas a garantir que os medicamentos sejam prescritos, administrados e consumidos conformando novas práticas de cuidar. Cabe destacar ainda que o objetivo da reflexão não foi criticar o uso de medicamentos e muito menos estabelecer novas condutas ou fazer prescrições sobre como agir para controlar situações que envolvem dor, mas de colocar em destaque a influencia da mídia, da indústria farmacêutica e do capitalismo nas praticas de cuidar contemporâneas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUSTÓDIO, G; et al. **Uso de analgésicos nos pós-operatório para tratamento da dor em hospital no Sul do Brasil**. Arq Catarinenses de Medicina 2008;37(4):75-9

GALINDO, D; et al. **Vidas Medicalizadas**: por uma Genealogia das Resistências à Farmacologização. *Psicol. Cienc*,v.34, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932014000400821&script=sci_arttext#B1. Acesso em: 3 jul. 2015.

INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR THE STUDY OF PAIN. **Cognitive Impairment in Chronic Pain**. Editorial Board, 2007. Disponível em: http://iasp.files.cms-plus.com/content/contentfolders/publications2/painclinicalupdates/archives/pcu07-4_1390263127471_13.pdf. Acesso em: 03 jul. 2015.

LASAPONARI, E,F. et al. Revisão Integrativa: Dor aguda e Intervenções de Enfermagem no Pós-Operatório Imediato. **Rev. SOBECC**, São Paulo. jul./set. 2013; 18(3): 38-48. Disponível em: http://itarget.com.br/newclients/sobecc.org.br/2014/pdfs/revisao-de-leitura/Ano18_n3_%20jul_set2013-5.pdf Acesso em: 02 de junho de 2015.

LEININGER, M.M et al. **Caring**: na essential human need. Salt Lake City: 1980.302p.

LOPES, N. Medicamentos e percepções sociais do risco. **Sociedades Contemporâneas**: Reflexividade e Ação, 2004. Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628fa43f1b3f_1.pdf. Acesso em: 3 jul. 2015.

ROCHA, L.S; MORAES,M.W. Assistência de enfermagem no controle da dor da sala de recuperação anestésica. **Rev Dor**, 2010;11(3):254-8. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1806-0013/2010/v11n3/a1472.pdf> Acesso em: 02 de junho de 2015.

SILVA, Y,B.; PIMENTA, C,A. Analysis of nursing registries of pain and analgesia in hospitalized patients. *Rev Esc Enferm USP*. 2003;37(2):109-18.

TRISTÃO, F. S.A. **O que se ensina sobre a dor crônica nos manuais, protocolos clínicos e diretrizes terapêuticas do Ministério da Saúde**. Dissertação (mestrado). Universidade Luterana do Brasil. Programa de Pós Graduação em Educação, 2009. 277p.

WATSON, J. Nursing. **Human Science and human care**: a theory of nursing. Norwalk: Appleton Century Crofts, 1985. 298p.

WILLIAMS, S. J. ; MARTIN, P; GABE, J. The Pharmaceuticalisation of Society: A Framework for analysis. **Sociology of Health & Illness** Vol. 33 No. 5 2011, p. 710–725. Disponível em: http://www.researchgate.net/publication/50269807_The_pharmaceuticalisation_of_society_A_framework_for_analysis. Acesso em: 01 de junho de 2015.